

Mara pongá

**FERNANDA
COUTINHO**





Maraponga



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito de Fortaleza
Gaudêncio Gonçalves de Lucena

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza
Francisco Geraldo de Magela Lima Filho

Secretária-Executiva
Paola Braga de Medeiros

Assessora de Políticas Culturais
Nilde Ferreira

Assessor de Planejamento
Inácio Carvalho de A. Coelho

Assessora de Comunicação
Paula Neves

Assessor Jurídico
Vitor Melo Studart

Coordenadora de Ação Cultural
Germana Coelho Vitoriano

Coordenador de
Criação e Fomento
Lenildo Monteiro Gomes

Coordenador de Patrimônio
Histórico e Cultural
Alênio Carlos N. Alencar

Coordenador
Administrativo-Financeiro
Max Diego de Carvalho Caldas

Diretora da Vila das Artes
Claudia Pires da Costa

Secretário da Regional V
Júlio Ramon Soares



**Prefeitura de
Fortaleza**

Secretaria Municipal de Cultura
de Fortaleza

Fernanda Coutinho

Maraponga



Coleção Pajeú

Copyright © 2014, Fernanda Coutinho

Concepção e Coordenação Editorial
Gylmar Chaves

Projeto Gráfico e Diagramação
Khalil Gibran

Revisão
Milena Bandeira

Fotos da Capa e Contracapa
Gentil Barreira - Imagem Brasil

Supervisão Técnica
Adson Pinheiro/Amanda Nogueira

Catlogação na fonte
Maria Zuila de Lima CRB/3 – 405

C871m Coutinho, Fernanda
Maraponga / Fernanda Coutinho.- Fortaleza: [s.n.], 2013.
68p.

ISBN

1. Bairro Maraponga, Fortaleza (Ce), História. I. Título.

CDD 981.31

Sumário

De geografias, espaços e Literatura: o bairro 9

Maraponga: paisagens do ontem e do hoje 20

Um bairro habita meu coração 40

O Leó e a Maraponga 47

Maraponga em três retratos:

Gilmar de Carvalho 51

Heloísa Helena de Holanda Madeira Barros 57

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) 59

Referências 62

Para a escrita deste livro, foram imprescindíveis as colaborações generosas e benfazejas de: Bete Bezerra, Carlos Bitu Cassundé, Gilmar de Carvalho, Heloísa Helena de Holanda Madeira Barros, Jacqueline Medeiros, Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) e Ricardo Bezerra, a quem agradeço, vivamente sensibilizada.



De geografias, espaços e Literatura: o bairro



Os homens habitam os lugares e os lugares os habitam. Ou seria melhor indagar: com quantas paisagens se faz uma pessoa? Cenários. Recantos. Mapas. Caminhos traçados em linha reta. Caminhos sinuosos: traçados a esmo.

Ou ainda: de quantas nuances se compõe uma paisagem? Ah! a sonoridade dos nomes evocativos de países, cidades, bairros, sonoridade que a poeira do tempo não consegue diluir, de todo, mesmo com a vertiginosidade que impregna o modo de ser da vida atual. Assim também, o passeio dos olhos pelos cartões-postais da retina-memória. Uma cartela de variadas cores. Da vivacidade das cores quentes, o sol-fogo dos amarelos e vermelhos, à serenidade das tonalidades frias: verde e azul, céu e árvores apaziguando a alma e o pensamento.

E o que dizer das lembranças gustativas - o paladar como um gosto de infância, a qual se reproduz no hoje, trazendo de volta guloseimas recobertas do papel de embrulho

do passado? E ainda os cheiros. De frutas e flores, da suavidade das colônias borrifadas sobre as camisas de pagãos das crianças ou sobre os rostos amados visitados pela morte. Tudo isso compõe um tecido de recordações que a mão apalpa: todo carícia e veludo.

Os escritores, que costumam ter alma de *flâneur*, recolhem, em seus passeios pelas cidades, muito do encanto e também da sordidez que integram a paisagem citadina. Com seus olhos argutos e sensíveis, vão esboçando um registro dos lugares por onde passam, registro que muitas vezes se distancia do da geografia física, aproximando-se preferencialmente do que de humano compõe o quadro. Como minimalistas que são, preferem, em determinadas ocasiões, reduzir a extensão da mirada de suas lunetas mágicas e se concentrar na identidade de recantos delimitados das cidades: os bairros.

Assim, nós, leitores, podemos ter uma crônica de determinados sítios, tais como esses que a Literatura e suas companheiras, as outras artes, vão imortalizando na medida da passagem do tempo.

Como não se lembrar de Machado de Assis e do bairro do Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro, onde ele viveu bom tempo de seus trinta e cinco anos de casamento, com a Carolina de seus amores? As artimanhas

do escritor, na criação de personagens ambíguos, cheios de dissimulações, impedindo os leitores de bater o martelo quanto à real feição de caráter desses seres de papel, trouxe a Machado não apenas o epíteto de bruxo, mas o de “bruxo do Cosme Velho”, tal a identificação que havia entre ambos, escritor e bairro.

Em “A um bruxo, com amor”, poema-ode que lhe dedicou, Carlos Drummond de Andrade escolhe o Cosme Velho como o local de um encontro, marcado no tempo da irrealidade:

*Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)
venho visitar-te; e me recebes
na sala trastejada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo
de novo interrogando o céu e a noite.
(DRUMMOND, 1969, p. 284)*

Como células vivas das cidades, os bairros por vezes nomeiam os próprios livros, a exemplo dos contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) em que o modernista António de Alcântara Machado, trazendo a linguagem do jornal para a página literária, oferece “Notícias de São Paulo”, subtítulo que aparece na primeira edição

da obra, por meio do registro do dia a dia dos imigrantes, principalmente os ítalo-brasileiros, ou, os novos mestiços, como gostava de denominá-los. São narrativas de coloração localista, expressando o espírito do bairro, no que há de mais terra-a-terra, tal como as rivalidades dos grupos de crianças, em que o motor da paixão é o futebol de rua, de bola de meia, paixão que faz com que se escutem vivos xingamentos numa língua híbrida em processo de formação.

No terreno das crônicas propriamente ditas, é pertinente citar Rubem Braga, que em 1958, escreveu uma página antológica, inclusive pelo caráter premonitório no que tange à dilaceração do espaço natural da cidade, por força da especulação imobiliária. “Ai de Ti, Copacabana”. A crônica, uma espécie de litania apocalíptica, possui vinte e dois chamamentos a Copacabana, na verdade, exortações contundentes, aos que nela moram e que se descuidam de dela tomar conta, tal como essa admoestação de número 8. “Então quem especulará sobre o metro quadrado de teu terreno? Pois na verdade não haverá terreno algum.” (BRAGA, 1979, p. 221)

O mesmo Rubem Braga, em “O Vassoureiro”, acerta os ponteiros da crônica com o relógio de um tempo, em que da paisagem humana dos bairros ainda faziam parte seus tipos populares, entre os quais os vendedores ambulantes,

que mantinham com os habitantes do local uma relação de proximidade, de calor humano, como se também eles fossem vizinhos, apenas com o bizarro costume de percorrer todas as ruas da comunidade gritando seus pregões.

Passa o vassoureiro. É grande, grosso e tem bigodes grossos como todos os de seu ofício. Aos cinquenta anos darei um bom vassoureiro de bairro. De todos os pregões, o seu é o mais fácil: “Vassoura ... vassoureiro...” e convém fazer a voz um tanto cava. Ele me parece digno, levando entrecruzadas sobre os ombros, numa composição equilibrada e sábia, tantas vassouras, espanadores e cestos. Seu andar é lento, sua voz é grave, sua presença torna a rua mais solene. É um homem útil. (BRAGA, 1979, p. 118)

Paulo Mendes Campos, por sua vez, dá notoriedade a Ipanema, bairro carioca, que, hoje, famosíssimo, começou a ficar conhecido pelas referências do escritor mineiro. Poderia ser até o caso de se dizer: e de Minas vem um cronista para fundar literariamente um bairro do Rio de Janeiro, a partir de suas histórias: “O cego de Ipanema”, “Copacabana-Ipanema-Leblon”, “Sobrevoando Ipanema”, “A Garota de Ipanema”, entre tantas. A pungência da descrição da personagem do cego, mostrando a fragilidade do indivíduo humano como espécie, denota a capacidade de o bairro, elemento aparentemente trivial, na dinâmica

da existência, poder funcionar como ponto de ancoragem de reflexões metafísicas.

Ao contrário de outros homens que se embriagam aos domingos, e cujo rosto fica irônico ou feroz, ele mantinha uma expressão ostensiva de seriedade. A solidão de um cego rodeava a cena e a comentava. Era uma agonia magnífica. O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma, que é a nossa vida sobre a Terra. (CAMPOS, 1981, p. 45)

Outro “estrangeiro”, o poeta pernambucano Manuel Bandeira, também fez-se cronista de um simpático lugar, Santa Teresa, ele que ali morou, na Rua do Curvelo, por mais de uma década. A rua não existe mais com esse nome, mas persistem, por intermédio da Literatura, na lembrança da cidade, referências à Trinca do Curvelo e a suas aventuras. A “trinca” era composta por meninos de rua, fadados a permanecerem anônimos, sem identidade social, contudo, na condição de amigos do poeta, tornaram-se habitantes famosos da Santa Teresa reconstruída artisticamente pelo escritor. Há, em primeiro lugar, Lenine, o qual em crônica que leva seu nome, o poeta avalia como “esquivo, irascível, exigente”, mas com relação a quem, todavia, como que anula a contundência da adjetivação, ao narrar a seguinte passagem: “No entanto, não lhe posso guardar rancor, porque se lhe digo: ‘Lenine, você

é um grande malandro! Não é?, ele me olha meio sério, meio rindo, com um ar tão meigo, tão lindo, tão cândido, que é de fazer inveja ao primeiro *team* dos anjos de Nosso Senhor”. (BANDEIRA, 2006, p. 181)

Já na crônica, cujo título é “A Trinca do Curvelo”, o poeta reserva o espaço da folha em branco para dar assento a outros integrantes do grupo.

de Lenine até os “bambas”, – o Zeca Mulatinho, o Encarnadinho, o Culó, o Piru Maluco, a trinca é rica em tipos bem diferenciados pelo físico, pela cor, pelo caráter. Ao mulatinho Ivan dei, como de direito, o cognome de Terrível. Batem à minha janela. “Quem é?” – “Sou eu!” “Eu quem?” – “Ivan?” – “Que Ivan?” – “Ivan, o Terrível.” Foi assim que o ensinei a me responder. Os outros fazem troça: – “Qual nada, seu Manuel Bandeira, é um marica. Não tem nenhum que não dê nele”. Quem falou assim foi o jovem Antenor, que eu prefiro chamar o antena Antenor: – “Quem é?” – “É o Antena Antenor.” (BANDEIRA, 2006, p. 150)

Curiosa a relação que os cariocas estabelecem com os bairros de sua cidade, relação em que se vislumbra certo ardor, lembrando, ainda que em proporção bem mais atenuada, o apaixonado sentimento pela camisa do time de futebol. Isso é de tal forma real que seus apontamentos biográficos

quase sempre se iniciam com o prenome e o sobrenome da pessoa, seguidos imediatamente de outra significativa identificação de nascimento: carioca de Laranjeiras, de Olaria, da Lapa, de Vigário-Geral, da Tijuca, e de uma enormidade de outras referências, pois o que não faltam no Rio são bairros antigos e modernos.

E, quanto a Fortaleza, haveria aqui uma marcante relação de proximidade das pessoas com a noção de bairro? Forte como a do Rio de Janeiro não chega a ser perceptível, mas isso não impediu de serem eles citados em nossa Literatura, como no caso de Jacarecanga, que aparece, em nada mais, nada menos que *Iracema* (1865), obra de José de Alencar que, por sua vez, consagrou nossa cidade como a terra da índia guerreira “dos lábios de mel”.

Nesse romance, no capítulo XXVII, diz o narrador: “Distante da cabana, se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga. Do seio das brancas areias escaudadas pelo ardente sol, manava uma água fresca e pura; assim distila a alma do seio da dor lágrimas doces de alívio e consolo.” (ALENCAR, 1910, p. 161-2). Nas Notas, lê-se: “*Jacarecanga*. – Morro de areia na praia do Ceará, afamado pelo fonte de água fresca puríssima. Vem o nome de *Jacaré*-crocodilo e *acanga*-cabeça. (ALENCAR, 1910, p. 226)

Posteriormente, Júlio Maciel (1888-1967), poeta cearense nascido em Baturité e falecido em Fortaleza, alude sem dúvida ao romance de Alencar.¹

Um de seus poemas, o soneto “Jacarecanga”, chegou a ser famoso, e depois de publicado na revista *Terra da Luz*, em 1908, seria incluído em *Terra Mártir*, seu primeiro livro (1918), editado no Rio de Janeiro. Falando de um bairro da zona oeste de Fortaleza, no qual residira, fala ele, nos quartetos, da existência ali, no passado, de uma tribo indígena, e imagina as lutas travadas naquele lugar. Mas, nos tercetos, diz que também o amor ali floresceu. E, no marulho das ondas e no rumor da aragem,

*Parece-me inda escuto, em meio à noite clara,
– O selvagem rumor dos beijos de Moreno
E as falas de paixão da meiga Tabajara!*
(MACIEL, 1918, p. 26)

Já em suas memórias, *Coração de menino*, *Liceu do Ceará* e *O Consulado da China*, Gustavo Barroso remete a locais antigos de Fortaleza, arrabaldes distantes, praticamente apartados da cidade. Assim, pode-se ver um desfile de bairros, hoje de perfil progressista, ligados às inovações que a vida moderna trouxe à cidade. No capítulo “Meu pai”, do terceiro volume da trilogia, recorda o

¹ O poeta era irmão de Godofredo Maciel, cujo nome seria dado a uma grande avenida do bairro da Maraponga e por isso será citado adiante.

escritor: “Em Fortaleza, eu não vivia mais no sobrado da Rua Major Facundo, mas no arrabalde do Benfica, no sítio da Baixa-Preta”, fornecendo a explicação de que o sítio se localizava no “Bairro do Benfica, já nas proximidades da Avenida Tristão Gonçalves e na altura da Rua Senador Catunda”. (BARROSO, 2000, p. 87) Em “Baixa-Preta”, transparece a saudade do ambiente paradisíaco, um lugar à parte, suspenso no tempo, e em que a percepção de hoje não identificaria como sendo o de uma cidade. A casa, segundo o escritor, era guardada por um pomar, um templo verde, tendo à frente um coaçu, qualificado como frondosíssimo, e identificado pela expressão de enlevamento “encanto de meus olhos ao se abrirem para a luz do dia”. E a visão bucólica segue transmutando-se em comovida narrativa:

Mal me levantava, ia saudá-lo e ele me respondia com o murmúrio de sua ramaria ao vento e o trinado dos pássaros que pousavam em seus galhos. Mirava o veludo verde de suas folhas grossas, aspirava-lhe o perfume sutil, fabricado durante a noite com a brisa, o orvalho e talvez o silêncio, ouvia o rumor festivo dos ramos e do passaredo, inebriava-me. Adiante do coaçu, namorava outras árvores, um manapuça de copa redonda e folhas miudinhas, crivado às vezes de frutinhas rubras, uma janaguba afunilada dominando os canteiros de hortaliça, uma jaqueira carregada de jacas maduras e um renque de araçazeiros viçosos que corriam da cacimba

coroadada por um moinho de vento à cancela da casa do feitor. (BARROSO, 2000, p. 94)

São instantâneos de um tempo em que a natureza não era estorvo e sim entidade protetora, guardiã da vida. Naturalmente, a ideia de progresso não se casa necessariamente com a destruição – ou não deveria. No caso de Gustavo Barroso, porém, isso aconteceu, a serem levadas em consideração suas observações sobre a passagem do tempo, ou – caso se prefira – sobre o naufrágio da casa no tempo: “Em 1937, fui dar uma olhadela à Baixa-Preta, vendida a estranhos por meu pai. A casa arruinada. O coaçu desaparecido. O manapuçá morto. A janaguba cortada. A jaqueira sumida. Da fila de araçazeiros somente três de pé, em petição de miséria.” (BARROSO, 2000, p. 94)

Estes são *flashes* sobre bairros de nossa capital, captados pela ótica sensível da Literatura, que nos auxilia a nos percebermos melhor dentro do espaço-tempo, ajudando-nos, igualmente, a demorar na apreciação de como os homens se apropriam da paisagem natural em proveito da artificialidade do concreto, criando um embate incessante entre o verde e o cinza, em que o primeiro parece fadado a ser eliminado. Como o bairro está para a cidade, tal como a casa está para o indivíduo, resta saber que tipo de tratamento os compartimentos de nossa casa vêm recebendo de cada um de nós, seus moradores.

Maraponga: paisagens do ontem e do hoje

Uma estradinha de terra, árvores de verdes copas frondosas, o azul-lilás das serras ao longe, um caminho de água de cristalino azul, tudo isso rodeando uma morada que se instala na paisagem, como se fosse um elemento da natureza. A casa com seu amplo telhado, muitas janelas e a cor branca, que cobre as paredes, desperta um saudosismo bucólico na sensibilidade do espectador do quadro, como se o tempo tivesse dito adeus a esse tipo de cenário.

Esta tentativa de descrição, que aqui se coloca, é a da imagem, que figura na capa de um disco de grande importância para a música popular brasileira e para a cearense, em particular, *Maraponga*, do cantor, compositor e músico Ricardo Bezerra, igualmente autor da capa. E lá se vão 35 anos, daquele hoje distante 1978.

Atualmente, os moradores da localidade, ou os visitantes que a percorrem, não mais se deparam com essa atmosfera de remanso. A imagem, contudo, pode servir de guia para se conhecer a Maraponga – as várias Marapongas, seria uma melhor formulação – que vêm contando a história desse lugar: um bairro da cidade de Fortaleza.

Contar um pouco da história de Maraponga é falar, de início, na etimologia da palavra, que remonta a nossas origens indígenas e tem o significado de “mar agitado”; derivando-se de MBARÁ (mar) + APONG ou PONG (soar, emitir som, bater).

Maraponga é um dos cento e dezessete bairros de Fortaleza, estando vinculado à Regional V. Dentro de Fortaleza, o bairro ocupa o seguinte quadrante: limita-se ao norte com o distrito de Parangaba; ao sul, com o Mondubim e o Jardim Cearense; a leste com o Jardim Cearense e o Dendê; e, a oeste, com o Manoel Sátiro.

Inicialmente, Maraponga era um sítio ligado ao distrito de Parangaba. Hoje, pertence ao distrito do Mondubim, sendo dividida em: Carlos Studart, Lagoa da Maraponga, Luxemburgo e Maraponga.

E o bairro da Maraponga existe desde quando? Alguém curioso em justapor datas, criando um encadeamento temporal para a existência do lugar, deveria recuar no calendário até o ano de 1937. Na história mais antiga do bairro, assinala-se a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da estação radioautomática, como tendo ocorrido no dia 18 de maio de 1937, com as presenças de autoridades federais, estaduais, municipais, eclesiásticas e da imprensa. À solenidade esteve presente também o Dr. Antônio Vieira,

construtor da obra. A estação, há pouco referida, somente viria a ser inaugurada no dia 13 de dezembro de 1938, contando com as presenças do capitão Faria Lemos, chefe dos Correios e Telégrafos no Ceará, Edgard Teixeira, Jorge Moreira Borges e a de muitas outras autoridades.

“O Bairro que nasceu dos sítios”, título da matéria da secção “O Povo nos bairros”, de 17/12/2012, redigida pelo repórter Geimison Maia,² vem experimentando profundas modificações ao longo desses 76 anos. A fisionomia campestre foi cedendo à pressão da urbanização e, em decorrência da explosão demográfica, o comércio, partindo da principal artéria do bairro, capilariza-se pelas ruas, travessas e mesmo pelos becos. A especulação imobiliária vai interferindo na horizontalidade do lugar e as construções verticais vão despontando, dando conta da explosão demográfica da cidade e desvelando as soluções o mais das vezes canhestras, por vezes, perversas, encontradas pelo poder público e pela sociedade, que não atinam quanto ao paralelismo entre oikós (casa) e a noção de bairro: nossa casa na cidade. Ai de Vós, grandes centros urbanos, que as advertências do “velho Braga” encontrem eco, antes que a sentença final se torne irrevogável: “Então quem especulará sobre o metro quadrado de teu terreno? Pois na verdade não haverá terreno algum.” (BRAGA, 1979, p. 221)

2 Consultar: www.opovo.com.br/.../opovonosbairros/.../noticiasopovonosbairros.../m. Acesso em: 28/09/2013.

Da Maraponga antiga, dos sítios e das chácaras, faz parte um relato misto de triunfo e de tragédia pessoal, que é a história da Leila, cujo nome ficou atrelado ao lugar durante um bom período de tempo.

Em *Sábado, Estação de Viver - Histórias da Boemia Cearense*, o historiador Juarez Leitão recupera o passado da cidade, no que tange a vários aspectos, inclusive à vivência da noite, da boemia, do cultivo do sexo, deixando à mostra as personagens que compunham uma Fortaleza alegre, doidivas, noctívaga, e, nesse contexto, detalha a experiência pessoal de Leila e seu papel na caracterização de uma urbe numa época anterior à revolução sexual.

Já nos finais dos anos 60, e por toda a década de 70 o melhor cabaré de Fortaleza era a CASA DA LEILA, na Maraponga. Suas mulheres eram altas, elegantes, muitas, louras naturais de olhos claros. Vinham do sul do país, de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul. Tudo gente fina, educada, algumas se diziam universitárias e comentavam coisa de política, música popular e variedades culturais. Dentre elas havia uma mulata, alta, belíssima, chamada Mércia, que mostrava uma carteira de estudante em Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse tempo havia um vendedor ambulante de livros, o Curió, que assegurava ter vendido várias

coleções e enciclopédias às meninas da Leila. Umas intelectuais? (...)

Leila fora a mulher de mais sucesso da Oitenta.³ Ali angariara bons e generosos amigos, ganhando condições para montar sua própria casa. Casarão amplo, com alpendres, arcadas, grande salão com dois ambientes, confortáveis sofás, mulheres com roupas habillées, falando baixo, sorrindo. Educadíssimos também eram os garçons, sobretudo o Oliveira, todos de smoking, trazendo a bebida em bandejas de prata. Um primor. (...) O baronato de Fortaleza se orgulhava de contar com uma casa de tão alto nível e quanto aqui aportavam cantores, jogadores famosos e artistas de TV, todos, invariavelmente, eram levados à Leila.

Mas até a fidalga Leila entrou em decadência. Envelhecida foi abandonada pelos amantes ricos, e terminou por se apaixonar por um de seus garçons, acho que o próprio Oliveira, O cabaré resvalou, rápido, para o fim. Veio o diabetes, vieram as desditas. Restava-lhe por último um apartamento no edifício Champs Elysées, na Aldeota, onde morava sua filha adotiva, Kátia. Resolveu vender o imóvel e ir embora para o Rio de Janeiro. O genro

3 Ainda de acordo com o pesquisador Juarez Leitão, o nome Oitenta devia-se “ao número da casa, na rua Governador Sampaio, 80. Era uma casa de certo nível com luz negra, suítes e bom serviço de bar. As mulheres era atraentes, bonitas e já não tinham restrições ou tabus.” (LEITÃO, 2000, p. 247)

e a filha não concordavam e entraram com mandato na justiça para impedir a transação. Revoltada com a ação dos parentes, Leila saiu pelas ruas e ficou perambulando pela Praia de Iracema, dormindo ao relento. Quando encontrava um conhecido, pedia um auxílio, mas não aceitava conversar sobre seu drama. Alertada do paradeiro da mãe, Kátia foi apanhá-la. Estava muito doente e precisava ser hospitalizada. (...) ...fechou-se num mutismo com claros sinais de depressão. (...) Destruíu seus álbuns de retratos e não quer falar nada de sua vida. (LEITÃO, 2000, p. 247)

Leila, que não mais está entre nós, poderia ter tido ou ter sua vida narrada em um romance: tantos textos ficcionais trazem a figura da prostituta para o centro da cena. A Margarida, de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, *Lucíola*, de José de Alencar, *Nana*, de Émile Zola, bem como a Léonie de Aluísio Azevedo, em *O Cortiço*. Se o esplendor e as misérias de sua biografia não cobrem, porém, detalhadamente as páginas de nenhum livro, em compensação sua presença nos registros sócio-históricos, como os aqui transcritos de Juarez Leitão, é como uma chave para a decifração de como as posturas diante do sexo são fatores importantes para entender a vida em sociedade.

Hoje, para quem quer excursionar pelo bairro, saindo da Aldeota, a recomendação é tomar a Avenida Raul Barbosa,

passando pelo viaduto do Makro, Avenida Carlos Jereissati, entrando na Bernardo Manoel, por meio da alça do viaduto, e logo em seguida na Avenida Dedé Brasil. Chegando-se ao Terminal de Parangaba, está-se a dois passos do início da Avenida Godofredo Maciel, via que corta o bairro, sendo importante ponto de referência da área. O trecho que vai do terminal de ônibus até a lagoa da Maraponga é reconhecido pela Prefeitura como Parangaba, dado que vale como fator de ordenação para a cobrança de IPTU e de outras taxas.

O marco zero da Maraponga propriamente dita é a lagoa. Antes dela, há pontos comerciais diversificados: restaurantes, supermercados padarias, farmácias, motéis.

Em *Fortaleza de ontem e de hoje*, M.A.A. de (Nirez) comenta:

Antigamente Maraponga era um sítio muito distante da Capital, pertencente ao distrito de Porangaba, tendo como atração principal sua bela e grande lagoa de águas límpidas. A estrada que ia de Fortaleza para as cidades do centro do Estado passava ao seu lado. Era carroçável. Ou de terra batida, a chamada piçarra. (AZEVEDO, 1991, p. 19)

Em seguida, o pesquisador em causa faz um cotejo entre duas fotografias, de um mesmo local, uma mais antiga

e outra da época da publicação do *Fortaleza de ontem e de hoje*, 1991. Na primeira, revela que “havia apenas uma grande casa à margem da lagoa, pelo lado norte, e o restante era arborização natural”. (AZEVEDO, 1991, p. 19) Na segunda, a estrada já aparece “pavimentada de asfalto, já é bem larga e de linhas bem definidas. Várias construções existem e ninguém mais viaja a pé. A arborização sofreu muito e restam poucas árvores, principalmente do lado de Fortaleza.” (AZEVEDO, 1991, p. 19)

Por fim, acrescenta, a título de conclusão:

Maraponga deixou de ser um longínquo sítio pertencente ao distrito de Parangaba para ser hoje um bairro da Grande Fortaleza, servido de transporte coletivo como qualquer outro. É verdade que a lagoa diminuiu e que está muito mais poluída que antes, mas recente Lei preserva-a do avanço da especulação imobiliária. (AZEVEDO, 1991, p. 19)

A lagoa de Maraponga está localizada a oeste da Bacia Hidrográfica do Rio Cocó e tem a Avenida Godofredo Maciel como principal meio de acesso. Caracteriza-se por apresentar uma paisagem natural de grande porte. Após a urbanização de suas margens, tornou-se um ambiente bastante frequentado pela população da cidade para atividades ligadas ao esporte e ao lazer. A grande área em

torno da lagoa foi preservada no governo Ciro Gomes, no quadriênio 1991 - 1994. Centro de convergência do bairro, aos domingos, muitas famílias vêm aproveitar o espaço natural como ponto de divertimento e passatempo, ocasião em que exercem o caráter espontâneo da sociabilidade, aspecto que a vida nas metrópoles não costuma incentivar.

Em *Cidades Invisíveis*, Italo Calvino descreve uma das cidades como um não lugar, onde o gregarismo não existe, a não ser como algo hipotético, potencial. O enxergar o “outro” parece não caber no autismo coletivo.

Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem imaginam mil coisas, a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam. (CALVINO, 1990. p. 51)

Daí o fato de a lagoa poder ser um ponto de resistência, uma ilha de convivialidade, um corte no isolacionismo, que tende a virar regra, nas cidades reais ou imaginárias. A relação dos indivíduos com a água é aprazível, reconfortante, agregador, despertando o instinto de ludicidade, decorrendo dessa particularidade a importância de as autoridades atentarem para a preservação ecológica, e

mesmo histórica, da lagoa, espaço natural atrelado à identidade de um espaço urbano.

Pela avenida, carros de passeio, ônibus, caminhões, motocicletas e bicicletas disputam espaço em suas pistas, desenvolvendo forte aceleração, quase numa emulação com o tempo que, célere em seu andamento, vai afastando da memória das pessoas as referências históricas do lugar onde moram, quer seja o bairro ou a cidade.

Os olhos apressados passam indiferentes pelas placas que estampam o nome de Godofredo Maciel. Em um dos poemas de *Lira Paulistana*, “Na rua Aurora eu nasci”, Mário de Andrade, um dos principais nomes do Modernismo brasileiro, comenta poeticamente essa faceta da relação dos moradores com o espaço urbano:

*Na rua Aurora eu nasci
Na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.
No largo do Paissandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu*

*Nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado,
Nem sei quem foi Lopes Chaves.*

*Mamãe! Me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua.*
(ANDRADE, *apud* MOTTA, 1961, 75)

No caso de Maraponga, quem teria sido, então, essa pessoa? Que importante papel teria desempenhado na história social da cidade, a ponto de receber a homenagem de batizar uma tão importante via urbana?

Com a palavra, os historiadores, compiladores dos fatos, os quais conferem identidade aos tempos e lugares.

Quem era, segundo, o Barão de Studart, Godofredo Maciel?

Filho de Raimundo Maciel e D^a. Emília Barbosa Maciel, nasceu em Baturité a 8 de setembro de 1883. (...) Havendo feito os primeiros estudos no Seminário de Fortaleza, no Ginásio Cearense e Instituto de Humanidades e por último no Liceu do Estado, onde fez o curso de preparatórios, frequentou a Academia Livre de Direito do Ceará e transportando-se para a do Rio de Janeiro nela bacharelou-se e doutorou-se em 1909, e aí vive da advocacia.

Enquanto estudante do Liceu foi um dos redatores da Reforma, órgão dos estudantes reformistas, e colaborou na revista Praça do Ferreira. Fez parte da

redação do Correio da Semana, e por último do Unitário, de Fortaleza. (STUDART, 1910, p. 343-344)

Foi orador dos bacharelandos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1909, sendo que o ano de 1910 já vai encontrá-lo como prefeito do Alto Purus, no Acre.

Após a experiência como prefeito na região norte do País, assumiu em 12 de julho de 1920 a Prefeitura de Fortaleza. Em sua administração, promoveu a demolição dos quatro quiosques, que eram cafés-restaurantes: Café do Comércio, Café Java, Café Iracema e Café Elegante. Na *Geografia Estética de Fortaleza*, o historiador Raimundo Girão assinala: “Em 1920, o Prefeito Godofredo Maciel, querendo remodelar a Praça do Ferreira, impôs a retirada dos quiosques, inclusive um, situado entre o ‘Java’ e o ‘Café do Comércio’, que servia de posto fiscal da ‘Ceará Light’.” (GIRÃO, 1959, p. 195)

Como se sabe, foi no Café Java que nasceu a ideia da criação da Padaria Espiritual, idealizada por Antônio Sales, e que durou de 1892 a 1898.

A *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, elaborada por Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) informa, que Godofredo Maciel seria novamente prefeito de Fortaleza, tomando posse em 16 de julho de 1924. (AZEVEDO, 2001, 96)

A Avenida Godofredo Maciel passa a fazer conhecido o bairro,⁴ na medida em principia a abrigar órgãos estaduais e a expressar forte vocação para o comércio. Com a inauguração, no dia 03 de março de 1975, do Departamento Estadual do Trânsito - Detran, obra construída pela Delta Engenharia, a população condutora de veículos da cidade incorporou esse endereço a seu cotidiano, e a imagem do bairro ficou por longo período cristalizada em torno de questões relativas à legislação de trânsito.

Mais tarde, em 30 de abril de 2002, o Departamento de Edificações, Rodovias e Transportes do Ceará – DERT – muda-se igualmente para a avenida, localizando-se vizinho ao Detran.

Outros nomes ligados à história de Fortaleza e do Ceará, tendo alcançado, às vezes, projeção nacional, aparecem nas placas de ruas e avenidas, tais como: Paurilo Barroso e Emílio Sá. E, aqui, cabem algumas perguntas: será que os moradores desses logradouros públicos que levam os nomes dessas pessoas têm conhecimento de dados de suas biografias? Ou são “esquecidos e ignorados”, como dizia o poeta Mário de Andrade? E, quanto ao poder público, que iniciativas vêm tomando no sentido de melhor

4 A Avenida Godofredo Maciel prossegue com o nome de CE-060, passando por Pacatuba, Redenção, Aracoiaba, com entrada para Baturité e serras, indo até Quixadá e chegando até ao Cariri.

situar os habitantes do local quanto à sua própria geografia e história? Teria a escola esse tipo de preocupação?

Paurilo Barroso e Emílio Sá serão mostrados, então, a partir de uma breve sùmula biogràfica. O primeiro (Fortaleza, 1894-1968) é mais conhecido pela opereta “A Valsa Proibida”. De acordo com Marcelo Costa, “Desde muito cedo ficava horas e horas a ouvir piano sem responder aos chamados da mãe que o chamava para casa.” (COSTA, 1972, p. 263) Começou a estudar o instrumento musical aos sete anos e a compor aos 25 anos, no caso, a peça “Flor de Lis”, e, logo em seguida, a composiçãointitulada “Zingaresca”. O compositor cearense teve o privilégio de conhecer Caruso e de se tornar amigo do grande compositor Ernesto Nazaré.

A produçãomusical de Paurilo Barroso é extensa e variada, contendo inclusive um “Acalanto para ninar”, traduzido como Najamarku”, por uma revista polonesa. Muitas de suas peças musicais foram apresentadas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Paurilo Barroso foi um grande incentivador do Teatro José de Alencar, por entender a enorme importãncia daquele espaço como um sùmbolo da vitalidade cultural de nosso Estado, mas seu papel na cena artìstica cearense ultrapassa em muito sua peça mais famosa. No que toca a essa questão, Marcelo Costa transcreve palavras de Antõnio Grão Barroso: “O criador da “Valsa

Proibida” foi verdadeiramente incansável na sua faina de ativar a nossa vida musical, com marcantes incursões no teatro e também como grande estimulador das artes plásticas.” (BARROSO *apud* COSTA, 1972, p. 263)

Do mundo das artes para o mundo da política, e política com vocação bélica: eis a distância que separa Emílio Sá do compositor de uma de nossas operetas mais famosas. Em *A Sedição do Juazeiro*, Rodolfo Teófilo reporta-se a Emílio Sá, como o homem que levou um canhão para lutar contra os jagunços do Padre Cícero, não obtendo, todavia, êxito. “Para derrocar as fortificações do Pe. Cícero, mandou fundir um canhão nas oficinas do Sr. Alfredo Mamede. A pequena peça, julgava-se, poderia atirar bombas de dinamite no acampamento inimigo”. Em comentário anterior, Rodolfo Teófilo fizera a seguinte afirmação: “Ao Dr. Freitas acompanhou o Sr. Emílio Sá, uma das figuras mais salientes do movimento que derribou a oligarquia Acioli e um dos dedicados amigos do Cel. Franco Rabelo.” (TEÓFILO, 1969, p. 47). Emílio Sá é um dos nomes que assinalam a fúria do embate entre aciolistas e rabelistas, uma página importante da história de nosso Estado e o fato de seu nome figurar, hoje, em uma rua da Maraponga ressuscita simbolicamente o episódio, deixando em nosso pensamento interrogações acerca da oligarquia como uma forma de exercício do poder. Estaria extinto esse passado? Um dado de ordem pessoal na biografia de Emílio Sá: era ele o pai do médico Amadeu Sá,

tisiologista, de forte vocação filantrópica, falecido em Fortaleza em 14.12.1953, e hoje nome do hospital do bairro do Eusébio: Hospital Municipal Doutor Amadeu Sá.

É curiosa na nomenclatura das ruas de Maraponga a existência de muitos endereços que levam nomes de países, tais como Albânia, Bélgica, França, Grécia, Itália, Nigéria, Noruega, País de Gales, Luxemburgo, entre outros, o que faz da topografia do lugar um traçado do mapa-múndi em diminutíssima escala.

Todos esses elementos são pequenos tijolos na edificação de uma identidade sobre o local. Hoje, contudo, o nome Maraponga, bem mais que uma semântica ligada à natureza, como quer fazer crer sua etimologia, ou a qualquer outro dos aspectos aqui mencionados, repercute no imaginário dos moradores locais, dos de outros bairros de Fortaleza e até para além dos limites geográficos que circunscrevem o Ceará, como um centro produtor de moda. É lá que se encontra o Maraponga Mart Moda, o maior *shopping* de confecções atacadistas do Norte e Nordeste do Brasil, localizado na Rua Francisco Glicério, 290. Na realidade, trata-se de um verdadeiro templo da moda, uma construção de fachada à *la* castelo, em que o brique dos tijolos aparentes é forrado em parte de suas paredes pelo trançado e pela alegria dos tons rosa e carmim das *bougainvilles*, que ali semelham maços de hera.

Ligado à história da moda no Ceará, o espaço *fashionista* repercute as origens atávicas do povo cearense, vinculadas à cultura do beneficiamento do algodão. A delicadeza, a agilidade e a criatividade dos trabalhos de nossas “muiés rendeiras”, e de toda uma gama de belos desenhos nascidos das mãos de fadas de quem paciente tece o trabalho artesanal, parecem fazer morada no inconsciente coletivo do povo cearense. O Estado se destaca como **polo têxtil do Brasil**, e sua história na moda conta mais de 120 anos, com a particularidade de que o destaque no setor abarca toda a cadeia de produção, desde o consumo de algodão até a produção do vestuário, fato que lhe proporciona importante lugar no cenário nacional como um centro dinâmico da moda.

O empreendimento foi lançado em 1990, pelo casal Mana e Manoel Holanda, e atualmente abriga megaeventos, como o Festival da Moda de Fortaleza e o Ceará Summer Fashion. O Festival da Moda de Fortaleza, que teve início no ano de 1981, é um evento tradicional e pioneiro em investimentos e lançamentos de moda do estado do Ceará, buscando levar as novas tendências da moda cearense para os lojistas, revendedores e demais interessados no que acontece nesse cenário particular na região.

O outro evento tradicional promovido pelo Maraponga Mart Moda, o Ceará Summer Fashion, que representa uma espécie de *avant-première* das tendências do

verão, é direcionado para a produção cearense e voltado ao público revendedor, que vê desfilar as coleções das marcas presentes no *shopping*.

Além dos desfiles, os convidados podem ainda desfrutar de palestras ministradas por profissionais, as quais trazem aos participantes muita informação sobre o instigante e bouleversante mundo da criação de vestuário, estimulando os clientes e potencializando o poder de vendas dos produtos aqui manufaturados. Cerca de duas mil pessoas assistem ao desfile de modelos, cuidadosamente preparadas por profissionais da beleza: estilistas, maquiadores, cabeleireiros, que tornam mais atraente a exibição da moda praia, e de outros tipos de vestuário, fazendo do Ceará Summer Fashion, uma vitrine pontilhada de holofotes, que carrega visibilidade para as marcas da região.

A economia do Estado também se beneficia com a comercialização de nossos produtos no setor de vestuário, tanto do ponto de vista das vendas no mercado nacional quanto no internacional. Como produtor de moda em escala industrial, a tendência do negócio é a expansão de suas atividades no Ceará, sendo o Maraponga Mart Moda um dos eixos fundamentais para a concretização dessas metas. Outros elementos se incorporam à cadeia do setor *fashion*, afastando-o cada vez mais de uma mentalidade calcada no amadorismo. Nesse sentido, pode-se falar da implantação

do curso de Design e Moda, da Universidade Federal do Ceará – UFC, reconhecido pelo MEC, desde 2002, ou o Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, da UECE, que já rendeu, como fruto específico, um trabalho acadêmico intitulado: “Turismo de Moda: O Maraponga Mart Moda em Fortaleza”, defendido em 2005. O portal da UFC apresenta a expressiva potencialidade de trabalho e de realização profissional no florescente terreno do vestuário e da beleza, de uma forma geral:

Um mercado que movimentava enormes cifras e em constante expansão. Assim é a moda no mundo. No Brasil, não poderia ser diferente: a área têxtil é uma das que mais empregam no País. O mercado nacional, com um grande número de empresas no setor, é muito carente de mão de obra qualificada. Portanto, boas chances de trabalho para os graduados na área. Os profissionais desse ramo podem atuar em confecções, malharias, tecelagens, fiações, indústrias têxteis, de sapatos e acessórios, indústrias de aviamentos, lojas, hipermercados, assessorias e consultorias de moda, indústrias químicas, produtoras de moda e de publicidade e feiras e salões de moda. Outra possibilidade é ter o próprio ateliê. As modas masculina, infantil e de praia, por serem pouco exploradas, oferecem oportunidades. Outros campos promissores são o de design e consultoria de moda para objetos de consumo, como celulares

e MP3 players. Demandam profissionais a modelagem, o estilismo para residências, a consultoria de moda e a criação de novos materiais. Chances ainda na docência em universidades e faculdades.⁵

Se a Maraponga do presente tem na moda sua mais perfeita tradução, nem sempre foi assim. Muitos moradores lastimam estarem hoje em pleno caos urbano, e os mais jovens mal podem crer que são descendentes de pessoas que viviam em um oásis, nas cercanias de uma cidade chamada Fortaleza.

⁵ Consultar: <http://www.ufc.br/ensino/guia-de-profissoes/574-design-de-moda>. Acesso em: 28/09/2013.

Um bairro habita meu coração

Se em páginas atrás foi aqui dito que o fortalezense, de uma maneira geral, não possuía uma relação visceral com a instância espacial que é o bairro, seria o caso de se fazer uma retificação em um contexto bem particular: a experiência de Bete e Ricardo Bezerra, em seu sítio, em Maraponga, entre as décadas de 70 e 80. Foi uma situação de vida tão especial, certificada pelo tom de encantamento e saudade que jorra de suas palavras, que, certamente, nesse período, se o casal fosse fornecer dados biográficos diria: Bete e Ricardo Bezerra, cearenses, moradores de Maraponga.

Em uma das paredes do apartamento, em Fortaleza, residência atual de ambos, o registro em óleo sobre tela, do sítio: “a casa toda cercada de verde, até o trilho”, relembra Bete, acrescentando que, ao lado, ficava a lagoa. Limpa e translúcida, apenas perturbada pela tremulina: lampejos de luz na água, como se fossem ondas pequenas. O pudor da luz em molestar a tranquilidade do lençol aquático? E a vegetação? Coqueiros num ponto mais alto da paisagem, lado a lado, como um conjunto de escudos que estivessem a proteger o santuário. Mangueiras. Os cajueiros, de grandes copas, pareciam árvores nativas, e, por entre eles, passavam os carros, como se estivessem a atravessar um túnel, explica ela,

em timbre de amorosa reminiscência. Havia ainda as plantações de subsistência: feijão, arroz, batata doce, macaxeira, banana. Uma horta à beira da casa. Ali também criavam-se galinhas e, da casa do vizinho carpinteiro, vinha o leite, tirado à mão do peito da vaca – diferente de hoje, em que, em muitas ocasiões, a ordenha se tornou uma tarefa mecânica, executada por equipamentos artificiais.

Quanto à casa, serviu de pouso, de hospedaria passageira – às vezes, nem tanto assim – tal a liberdade do lugar, a muita gente, não exclusivamente pessoas conhecidas dos “donos” ou que fossem ligadas à música. “Tinha uma casinha de morador e o pessoal ficava lá, super feliz, acho que passaram mais de 100 pessoas ali. Havia gente que ninguém sabia quem era, de onde vinha, pra onde ia, o que era e fazia (risos)”, recorda Ricardo.

Em sua opinião, porém, o bairro de Maraponga merece ser lembrado, hoje, pela rica confluência de artistas, no local, o que aconteceu, mais precisamente, na segunda metade da década de 70 e na primeira metade da seguinte. Os outros elementos identificadores do lugar, em nossa contemporaneidade, poderiam ser deixados de lado, sem nenhum prejuízo. Como arquiteto e pessoa de sensibilidade, prefere pensar na forma como o homem se relaciona de forma respeitosa com o espaço urbano e como o instinto gregário dos indivíduos é algo a ser cultivado em

contraposição ao forte individualismo que norteia, quase sempre, as inter-relações de agora.

A lista de pessoas que convergiu para o bairro, ainda campesino, é extensa, mas podem ser lembrados os nomes do artista plástico Hélio Rôla, de Mino, o cartunista, do fotógrafo Maurício Albano, da compositora Ângela Linhares e dos músicos Rodger Rogério, Teti, Francis Vale e o do multiartista Alano de Freitas, o de Gonzaguinha, que foi hóspede algumas vezes, e ainda Rita Lee, que veio de visita.

Fagner esteve na casa por seis meses. De sua estada, além das parcerias, um presente sonoro em forma de objeto: um piano *Steinway*, o qual dividia espaço com um piano de armário. Petrúcio Maia gostava de tocar piano, e o fazia sem muita preocupação com a conveniência dos horários. Mas isso era o que de diferente havia naquela forma de viver! Um coletivismo que tinha por base a fuga à intolerância, ou, dito de outra maneira, a abertura à amizade, ao acolhimento. Segundo Ricardo, Fagner, que estava muito bem situado artisticamente na ocasião e era um espírito generoso, tudo fez para a gravação do Maraponga. O lado A teve cinco faixas: 1- Maraponga (Ricardo Bezerra), 2- Cobra (Alano Freitas/Stelio Valle), 3- La Condessa (Soares Brandão/Ricardo Bezerra), 4- Celebração (Ricardo Bezerra) e 5- Sete cidades (Ricardo Bezerra). No lado B, figuravam: 1- Gitana (Ricardo Bezerra), 2- Cavalo-Ferro

(Ricardo Bezerra/Fagner), 3- Manera Fru Fru Manera (Ricardo Bezerra/Fagner) e 4- Improviso (Ricardo Bezerra). Os arranjos de Hermeto Pascoal, a presença da flauta de Mauro Senise, do sax e flauta de Nivaldo Ornelas, da guitarra de Robertinho do Recife, do cello de Jacques Morelbaum, e do acordeão de Sivuca, sem falar no acompanhamento vocal de Fagner e Amelinha, trazem a esse disco uma riqueza ímpar. Como se o disco fosse uma súmula de experiência de viver em estado de música, de alegria e amizade 24 horas por dia.

Há também, na crônica pessoal de Bete e Ricardo, outro fato inusitado, que veio a acontecer no ano de 1978. Nesse tempo, já a fama da casa, corria mundo, fama de um lugar onde todos se sentiam bem e os preceitos da convivialidade eram espontaneamente seguidos, de forma espantosa. Chegara por essa época, a Fortaleza, uma professora francesa, Irène Nahoum Penacchioni, por sinal, filha do filósofo Edgar Morin, a qual viera trabalhar na Universidade Federal do Ceará - UFC, na condição de professora-visitante. Ocorre que Irène não estava nada satisfeita com o local onde estava alojada, a cidade não a estava agradando, e ela já pensava duas ou mais vezes sobre o acerto de sua decisão de vir ao Brasil, uma terra que julgava encantadora. Foi nessa circunstância que o professor Edgar Linhares, resolveu levá-la e ao esposo, Daniel Penacchioni, para conhecer a casa da Maraponga. Bete conta que ao

chegarem os visitantes, ela estava com uma panela de leite nas mãos e ficou tão aturdida, sem saber o que fazer com os estrangeiros, que a primeiro pensamento que lhe veio à mente foi traduzido por: “Você quer um copo de leite?” Ao que a francesa, demonstrando bastante agrado, respondeu com um *oui*, de forte convicção. Nascia, naquele gesto de simpatia, uma forte empatia entre as duas, que veio a se tornar em perene amizade. O esposo de Irène Penacchioni, naquele momento, era professor de ensino médio em Paris. Mais tarde ficaria famoso como escritor, adotando o pseudônimo de Daniel Pennac. Em 2003, Pennac publica, pelo selo Folio da editora Gallimard, o livro *Le Dictateur et le Hamac*, traduzido em 2005 pela editora Rocco, com o título, *O Ditador e a rede*, sendo que esse livro traz referências a Maraponga.⁶ “Nessa ocasião, eu vivia com Irène, no Nordeste do Brasil, em Maraponga, subúrbio de Fortaleza,

6 A editora Rocco apresenta o livro de Pennac, por meio da seguinte resenha: “*O ditador e a rede* seria apenas a história do ditador Manuel Pereira da Ponte Martins, de Teresina, capital do Piauí. Nas mãos de Daniel Pennac, no entanto, o livro se transforma em uma elegante e bem estruturada sátira política e social, uma farsa sobre dilemas pessoais e tiranias. Para escrevê-lo, o romancista francês adiciona o conhecimento da alma e dos ‘causos’ brasileiros, adquiridos nos anos em que viveu no nordeste do país, à grande habilidade que tem para contar histórias e seduzir leitores. Nesse exercício literário, com uma pitada do bom e velho realismo fantástico latino-americano e doses de um olhar estrangeiro sobre o Brasil, Daniel Pennac faz uma sátira do sistema político. O contraditório ditador Pereira é populista, mas tem medo mórbido de lugares públicos e espaços abertos. Ele chegou ao governo por viver num país onde ‘tendo-se terras, nome e dinheiro, tem-se o poder’. E era ajudante do tacanho General Presidente do país, de quem tomou o posto. A trajetória desse personagem, mesclada com constantes referências ao clássico filme *O grande ditador* e ao seu criador, Charles Chaplin, recheia as páginas de um romance curioso e fascinante.

capital do Ceará. Irène ensinava. Quanto a mim, passava a maior parte de meu tempo, suspenso em minha rede, a imaginar romances que não escrevia”⁷

O casal partiu, depois de finda a tarefa, mas as lembranças das terras trópico-americanas e os laços aqui fundados perduram ainda hoje.

De 11 de junho a 8 de setembro de 2013, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura apresentou a exposição do artista plástico cearense José Leonilson⁸, intitulada “Leonilson Inflamável”. Reuniu aproximadamente 180 obras das variadas fases do artista, morto tão precocemente, em 1993, mas que segue vivo pelo vigor de sua arte, reconhecida no âmbito estético nacional e internacional.

O curador da mostra, Bitú Cassundé, reservou para o piso inferior da exposição a proposta de um mergulho em criações de fases mais antigas de Leonilson, como a sugerir uma investigação sobre o processo de maturação de sua obra. Em uma das salas de feição mais intimista da mostra, uma

7 “Je vivais avec Irène, alors, au Nordeste du Brésil, à Maraponga, faubourg de Fortaleza, capitale du Ceara. Irène enseignait. Moi, je passais le plus clair de mon temps entre ciel et terre, suspendu dans mon hamac, à imaginer des romans que je n’écrivais pas.”

Consultar: http://www.contacttv.net/i_dossier_recherche_contenu.php?id_rubrique=425&id_article=1557&id_document=&var_recherche=&idimage=7 Acesso em: 29/10/2013.

8 Para saber mais sobre Leonilson, consultar: projeto LEONILSON www.projetoleonilson.com.br/

série produzida no bairro da Maraponga, com os grifos dos momentos iniciais de seu trabalho.

Bitú Cassundé é um *expert* no trabalho de Leonilson, e aqui estabelece um vínculo do artista com a Maraponga, que, mais do que o local de nascimento, representava para o criador uma fonte de eterno retorno, onde sempre podia se banhar com as águas cálidas das recordações da infância e se alimentar com o néctar nutritivo e restaurador que emana da amizade:

Desenvolvi pesquisa de mestrado na Escola de Belas Artes da UFMG, com ênfase na relação imagem x palavra, dado que percorre a produção poética de José Leonilson. Aliada a essa questão, também evidenciei os dados ou signos taxonômicos presentes na obra como: números, listas, textos, recorrência simbólica, e toda a projeção biográfica, subjetiva, presente em 08 agendas do artista que analisei.

No entanto, outro dado significativo observado foi a cartografia afetiva que se projetava para a obra, através de elementos que se relacionavam à amizade, ao desejo, às paixões e dentre elas há um aspecto bastante significativo nessa construção, que é a relação afetuosa que se estabelecia entre Leonilson e o casal de amigos/primos Bete Dias e Ricardo Bezerra, anfitriões que o recebiam na Maraponga, nos anos iniciais da década de 1980. Na casa da Maraponga, Leonilson produziu algumas aquarelas

que retratavam paisagens da cidade, da casa e do bairro. Nesse momento, a casa da Maraponga era um importante espaço de produção cultural, principalmente musical, por onde passaram importantes artistas e intelectuais locais e nacionais. (CAS-SUNDÉ, Bitu, depoimento por e-mail à autora)

Uma das paredes do espaço Maraponga da exposição foi recoberta pelo texto que segue abaixo, assinado por Bete e Ricardo Bezerra, e que denota a relação cordial – em que o coração palpita – do artista com seu bairro, com o seu chão de batismo no mundo e a necessidade vital de se renovar nessa energia revigorante, que provém dos laços afetivos que, apesar da distância, são respeitados, como memória do sentimento, mesmo que pelo esquivo deus do tempo.

O Leó e a Maraponga

“**A** Maraponga fez parte da infância do Leonilson, quando ainda moravam aqui e as nossas famílias passavam as férias no sítio. Talvez daí a sua assiduidade na casa, seu aconchego, um ponto de equilíbrio, de relaxamento, de encontro consigo e seu outro mundo.

Vinha também para receber carinho do padrinho, Wilson Dias, meu pai, e conviver com os primos e amigos de infância e amigos que fez ao longo das vindas. Vinha mais de uma vez ao ano, sempre de algum lugar, com mil histórias para contar dos seus contatos pelo mundo afora, dos seus amigos, dos seus trabalhos, das suas exposições, seus estudos, suas viagens, do crescimento da sua arte. Vinha para fugir do ar poluído de São Paulo, que lhe maltratava, e se trazia amigos, como muitas vezes fez, esses também já passavam a fazer parte da história da Maraponga.

Para nós não era o artista em ascensão que chegava, era o Leó, amigo, irmão, que brincava com as crianças, que escrevia suas agendas, que era alegre, carinhoso, que ria e gargalhava com facilidade e prazer, que gostava de nos acompanhar nas temporadas na Majorlândia, nas viagens para Orós, Quixaba, Sete Cidades. E também vinha para rever e interagir com seus amigos artistas daqui.

Dizia que não tinha trazido material de trabalho porque precisava tirar férias, descansar. Mas qual o que, pelo volume de trabalhos feitos na Maraponga, vê-se que ele não podia distanciar-se da sua arte, ela era a sua produtiva vida.

A Maraponga foi a realização do que acreditávamos. Criar nossos filhos com a nossa presença, em contato com a natureza, com a casa e o coração abertos, vivenciando

nosso amor, trabalhando com arte e artistas, de forma honesta, despojada, inteira. A casa estava aberta dia e noite para quem chegasse para ficar, para visitar, para jogar pelada no campo num descampado em frente da casa, para tocar piano, para namorar em segredo, para tornar-se vizinho. E por ela só passaram pessoas positivas, alegres, criativas, desconhecidos que se tornaram amigos da vida toda, de alguns nunca mais ouvimos falar, outros se sentiam acolhidos e ficavam por um tempo, outros chegavam por curiosidade para fazer parte daquela história.

As inúmeras pessoas interessantes que por lá passaram têm sempre coisas para contar, lembrar, recordar como algo especial do qual fizeram parte. E, entre estas preciosidades, com certeza, a convivência, a presença, as visitas do Leó são um doce capítulo a mais nessa hoje mitológica vivência que fez brotar os trabalhos mostrados nesta sala.”

Na 46ª edição do Festival de Brasília, realizada de 17 a 24 de setembro de 2013, Leonardo Mouramateus e Samuel Brasileiro, jovens cineastas cearenses, diretores de “Lição de Esqui”, ganharam os Candangos de Melhor Curta de Ficção e Melhor Roteiro. Samuel Brasileiro explica sucintamente o espírito do filme:

O curta-metragem surge de uma vontade e de uma inquietação com a cidade em que vivemos.

Fortaleza hoje sofre muito com a especulação imobiliária, principalmente o bairro onde a história se passa, que é a Maraponga (bairro do Leo). O filme é sobre dois garotos que odeiam o próprio trabalho e eles criam um plano idiota para darem um jeito na situação. É um filme sobre amadurecimento, sobre Fortaleza, sobre confronto. Temos as mesmas idades que os personagens e as mesmas incertezas quanto ao futuro. Os meninos, Victor e Sandio, não são atores. O Leo encontrou o Victor no terminal de ônibus e depois ele próprio indicou o amigo Sandio. Eles possuem os mesmos nomes. É também sobre a amizade deles. Quase que como um documentário sobre esse momento da vida dos dois, que resolveram atuar em um filme nosso.

Pelo que se depreende do depoimento, o curta repensa a noção de bairro, encenando questões de ética. Que posturas a cidade e os bairros, em especial, pedem de seus moradores? Isso leva-nos a refletir que a palavra urbanidade, sinônima de civilidade, tem como sentidos correlatos as noções de cortesia e polidez.

O fato de o estopim para a reflexão ter partido da provocação de dois jovens – e artistas – traz um pouco de ânimo, uma potencialidade de problematização via arte, ao estado da paisagem, em tantos locais, devastada e desolada da cidade de Fortaleza, com ênfase para a Maraponga.

Maraponga em três retratos:

Gilmar de Carvalho

Moro na Maraponga há 33 anos (setembro de 1980). Foi uma escolha pautada por uma qualidade de vida sem tantos estresses. Foi também uma escolha dentro dos limites que minha condição financeira impunha. Quando foi vendida a casa dos meus pais, à Rua Bárbara de Alencar, recebi um dinheiro que daria para pagar a entrada de uma casa ou apartamento. Resolvi vir para “os matos”.

Trabalhava, à época, na Scala Publicidade, à Avenida da Universidade. Confesso que a proximidade com o sítio do Estrigas e da Nice contribuiu para a escolha. Mais ainda a vizinhança com Ricardo Bezerra e Bete Dias. Ricardo é amigo desde o curso primário nos Jesuítas (Cristo Rei), no início dos anos 1960. Bete foi contemporânea do Curso de Jornalismo, à Rua Barão do Rio Branco, onde hoje fica uma agência do Banco do Brasil.

Jovens funcionários do Banco do Nordeste estavam construindo umas casas à Rua Grécia. Vim ver e foi amor à primeira vista. Braz Henrique Teóphilo, diretor de criação da agência, veio comigo e também cogitou morar no bairro. Terminou por optar pelo Itaperi, perto da UECE.

Lembro-me da precariedade dos primeiros tempos. Tivemos (eu e dona Maria Barbosa, que foi minha babá e hoje é minha mãe do coração) de puxar um “gato”, porque a energia não tinha sido ligada. Eu tinha um carro e dirigia. Não era tão difícil chegar aqui, apesar da Avenida Godofredo Maciel ser bem estreita, com apenas duas faixas de trânsito. O Ney Castro morou um tempo com a gente e foi ótima companhia nessa “viagem”.

O Detran funcionava como uma referência do bairro. O bordel da Leila aumentava a curiosidade, com seus muros altos, carrões e o folclore das mulheres lindas, “importadas” de outras cidades.

A Maraponga era um bairro de sítios, de chácaras, e eu pensei, ingenuamente, que permaneceria sempre assim. A especulação imobiliária custou um pouco a chegar, mas não poupou nada quando chegou. Hoje, temos um condomínio de duas torres de quinze andares, em construção à beira da lagoa. Sempre pensei que fosse área de proteção ambiental, de reserva dos mananciais. Sempre soube que as margens dos rios e lagoas eram zonas de domínio da União. Não foi o que aconteceu.

As torres do Laguna Park se erguem sem maiores contestações. Não dá mídia vir fazer protesto aqui, ao contrário do Parque do Cocó!!!

O trânsito ficou infernal e não foi só aqui, foi na cidade toda. Vai ficar pior quando os donos das 240 vagas das garagens fizerem a “conversão” na Rua Nereu Ramos para chegar em casa. Mas isso ninguém fala. A publicidade mascara os problemas futuros. A Nereu Ramos ganhou um viaduto (Metrofor) e não deverá ganhar semáforos (penso). Perigosa a travessia. Minha mãe era desaconselhada, hoje é proibida.

A temperatura aumentou um pouco. Antes, fazia um friozinho à noite, mas houve um desmatamento grande para as novas construções. A qualidade dos serviços não atende as minhas expectativas. Temos supermercados e hipermercados, mas que não se preocupam com um consumidor mais exigente. Temos farmácias, mas falta uma padaria de qualidade.

O Paulinho da Maraponga foi referência de restaurante regional. Hoje, apenas um nome e uma saudade.

Quando sinto saudades de uma outra Maraponga, visito a igreja de Santa Rita, tão pequenininha e tão escondida por entre os edifícios dos programas habitacionais do governo federal...

Pensei em usar o metrô para chegar à UFC. Estou aposentado desde 2010 e o metrô ainda é uma expectativa, ainda que esteja rodando “a título de experiência”.

O terminal de Parangaba, construído sem planejamento e sem uma preocupação com o caos gerado por tantos ônibus, não melhorou tanto o transporte coletivo, como era de se esperar. A inauguração do *Shopping* Parangaba, este ano, vai tornar o caos ainda maior. O gargalo está na não duplicação do trecho entre o início da Godofredo Maiciel e a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, no Montese.

Periferia será sempre periferia. Triste, mas verdadeiro.

Não tenho lembranças de conversas com antigos moradores.

Soube de uma rezadeira, por conta de um problema de saúde. Ela me ajudou muito, inclusive a saber que o discurso médico pode ser complementado pela “ciência” do povo.

Recebíamos mangas e cajus do sítio da Hilma e a Leninha, que hoje trabalha na minha casa, morava bem perto.

Dona Maria é madrinha de fogueira de muitas então crianças da vizinhança.

Lembro-me de um terreno imenso, em frente à minha casa, que servia para o futebol da várzea. Depois, vieram duplex.

Ainda hoje, – talvez seja uma das peculiaridades do bairro, – ainda estão presentes as fogueiras juninas, muitas, enchendo o céu de fumaça...

Tive a sorte de ter sempre vizinhos atenciosos, solidários e sem “caixas de som” desconuais. Seu Arakém Aguiar (e dona Liquinha) de um lado, Pádua Sampaio (então casado com dona Rosinha Fontenele, pais do meu aluno Pádua Filho), de outro, durante anos. Hoje, Willys Aderaldo ocupa uma das casas e um descendente do seu Arakém a outra.

Continuo a agradecer a Deus pelos vizinhos que tenho. A jornalista Concy Beserra também mora perto, antes, vivia no sítio que deu lugar às “torres gêmeas”.

Nunca tivemos um “barraco” no quarteirão.

Transplantei uma palmeira que era da casa dos meus pais e que ainda hoje, altaneira, marca nosso espaço.

Tenho abacateiro no quintal e pés de urucum, pitanga, limão, goiaba e canela, cuja muda ganhei de presente da tia Leona Soares.

Nos anos 1990, tive de colocar grades nas janelas e portas. Ainda hoje, resisto a colocar cercas elétricas e outras geringonças que me lembram campos de concentração

nazistas. É acreditar em Deus e confiar a casa aos doze apóstolos, como diz dona Maria.

Francisco Sousa mora com a gente faz algum tempo, e dirige (não o faço desde o final dos anos 1980, quando saí para o Mestrado, em São Bernardo do Campo), ainda que não seja motorista, mas amigo e parceiro de trabalho e de afeto.

Fomos muito importunados por uma casa de forró chamada “Pai d’Égua”. A festa parecia que se dava na janela do meu quarto. Uma academia de musculação resolveu também fazer festa e foi uma coisa infernal, que durou pouco. Ainda bem! Nada contra as festas, mas a lei do silêncio deve prevalecer e as casas de forró podem ter tratamento acústico.

Ricardo Bezerra gravou um elepê chamado Maraponga. E Ednardo cantou uma música que tinha o nome do Bairro.

Um chofer de táxi, irritado com a corrida curta (eu saía do Aeroporto para a minha casa) disse que eu morava na Vila Pery. A Prefeitura me coloca como morador da Parangaba. Talvez o nome Maraponga soe melhor ou menos periférico ou mais charmoso. Não sei. Sei que vivo aqui e não tenho planos de me mudar. Foi uma escolha de

vida e não creio que seria bom mudar uma hora dessas. Para onde? Os problemas são da cidade toda.

A Maraponga ainda mantém, sob o meu ponto de vista, um caráter alternativo de quem não quis ir para o óbvio. Talvez seja desculpa de pobre, mas estou aqui e procuro ser feliz no lugar que escolhi para viver (espero que muito).

Heloísa Helena de Holanda Madeira Barros

Uma Maraponga de outrora é a descrita, com ternura e emoção, por Heloísa Helena de Holanda Madeira Barros, uma das filhas do casal, Carmem Cecília Costa de Holanda e Anastácio Frota de Holanda, conhecido como Sr. Bibiu Frota, (sic)⁹ uma referência do lugar, hoje nome de avenida. A ternura e emoção se justificam ainda mais quando se trata do retrato de um tempo que hoje pode ser considerado extinto. Seus pais foram um dos primeiros proprietários de chácaras no local, mais exatamente, o sítio Vila Maraponga, ainda pertencente à família, mesmo após o falecimento de seu patriarca. “O nome do sítio deu origem ao bairro. Foi adquirido por papai na década de 40, de

⁹ A grafia do nome Bibiu com “u” contradiz a constante no mapa da Maraponga, onde o nome aparece grafado com “o”, no final.

seu tio Sr. Otávio Menescal da Frota, que era o bisavô do atual prefeito de Fortaleza”, informa Heloísa. Apesar de ser uma das filhas mais novas – a família era composta de sete filhas, hoje seis, e dois filhos – Heloísa possui uma lembrança bastante viva da casa, rodeada de árvores frutíferas: mangueiras, sapotizeiros, coqueiros, todas elas adubadas e regadas com as mãos da delicadeza. Além das brincadeiras típicas da infância, persistem as recordações das várias histórias de vidas que se foram delineando naquele espaço quase edênico. “Os filhos iam de cavalo para as aulas de catecismo na Parangaba. A lagoa ao lado, que não era poluída, era uma verdadeira atração, principalmente aos domingos quando faziam dela uma área de lazer.”

Os filhos do casal cresceram, constituíram suas próprias famílias e hoje, se “seu Bibiu” ainda estivesse entre nós, receberia, juntamente com Dona Carmem, lá na Maraponga – não no bairro em si – mas em seu sítio, a visita dos netos e até de bisnetos. Maraponga, no dicionário da família, corresponde à morada de antigamente. Vamos a Maraponga traduz-se, exatamente, por visitar a casa, as árvores, as recordações. Infelizmente, hoje, segundo Heloísa, a tranquilidade de antes dá lugar à violência e a presença das drogas tem o poder de quebrar a atmosfera de serenidade de outros tempos e de deixar na família, conjuntamente, uma sensação de nostalgia e um sentido de preocupação quanto ao que virá.

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)

O bairro Maraponga não é novo, a lagoa com este nome é conhecida desde o século XIX e, ao lado dela, se dá o caminho natural para as localidades de Monguba, Pacatuba, Guaiuba, Acarape, Redenção etc.

A primeira intervenção importante naquele bairro foi a localização, na Avenida Godofredo Maciel, do Detran, Departamento Estadual de Trânsito, que concentrava suas atividades para todo o Estado e também para Fortaleza, que hoje, após desmembrada, pertence à AMC - Autarquia Municipal de Trânsito, nome estranho, já que existem centenas de autarquias sem que figure no nome a palavra autarquia. Também não se sabe o que é o “C”, que teria que ser “T” de trânsito.

Com a implantação do Detran no bairro da Maraponga, surgiram vários segmenos ao seu redor, como fábricas de placas, restaurantes, casas de merenda, livrarias etc. Em seguida, surgiu o Maraponga Mart Moda, em 1960, resultado de uma amostra de modas acontecida no ano anterior. Depois vieram jardins que vendem plantas e flores, além de estrumo e adubos diversos. Ao redor desse empreendimento surgiram muitas casas de morada.

Do Mart Moda parte uma estrada ou caminho, que vai até ao antigo presídio IPPOO, Instituto Penal Professor Olavo Oliveira, recentemente desativado, e que já fica no bairro Dois Irmãos, no Itaperi.

Um armazém (supermercado) da linha Carrefour instalou-se vizinho ao Detran, separado pelo DAER, Departamento de Construções do Estado, que depois foi DERT, e hoje tem o nome de DENIT.

Por trás dessas construções citadas, passa a linha férrea que vem de Parangaba e vai para Mondubim, Monguba etc. Depois da linha de ferro, fica a Vila Peri. Com a construção da estrada Anel Viário surgiram, no cruzamento com a Godofredo Maciel, muitos equipamentos, como a Ceasa, o grande açougue do Grupo Edson Queiroz, motéis, postos de combustível, até se chegar ao lugar Pajuçara. Recentemente a lagoa da Maraponga foi limpa e hoje serve de lazer. Por trás dela, existem alguns prédios de condomínio até chegar à citada linha de trem. Antes do Detran, existem vários supermercados, como o Pinheiros e outros menores. Existe ainda uma igreja de Santa Teresinha, de construção neoclássica, e que fica ao lado de casas também bastante antigas.

No mais, são casas de vender frango assado, linguiça, carne de sol etc.

Referências

ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. 8. ed. revista por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p. 161-2 e 226.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A um bruxo, com amor”. In: _____. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ANDRADE, Mário de. *Lira Paulistana*. In: MOTTA, Dantas. *Mário de Andrade. Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. p. 75.

AZEVEDO, M.A.A. de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: UFC/Banco do Nordeste do Brasil, 2001. v.1.

_____. *Fortaleza de ontem e de hoje*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza; Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da Província do Brasil*. Organização, posfácio e notas; Júlio Castañon Guimarães. 2.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BARROSO, Gustavo. *Memórias: O Consulado da China*. 3.ed. Notas de Mozart Soriano Aderaldo. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar. 2000. (Coleção Alagadiço Novo, 250) 3.v.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 51.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1981.

COSTA, Marcelo Farias. *História do Teatro Cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1972.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959, p.195.

MACIEL, Júlio. *Terra Mártir*. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1918, p. 26.

LEITÃO, Juarez. *Sábado, Estação de Viver - Histórias da Boemia Cearense*. Fortaleza: Editora Premium, 2000.

STUDART, Dr. Guilherme. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Volume primeiro. Fortaleza; Tipolitografia a Vapor, 1910, p. 343-4.11

TEÓFILO, Rodolfo. *A Sedição do Juazeiro*. 2.ed. Fortaleza: Editora Terra de Sol, 1969.

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no verão de 2014.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.
O papel do miolo é pólen 90g/m², e o da capa é cartão supremo 250g/m².